

# Como nasceu a CIENTISTA



LÍCIA DE MORAES: PAIXÃO POR RPG E FICÇÃO CIENTÍFICA

## ONDE

**NASCEU**  
Hospital de Base, na Asa Sul

## ORIGEM

**FAMILIAR**  
Pai maranhense e mãe paulista

## LEMBRANÇA DE INFÂNCIA:

“O meu local favorito era a livraria Sodiler, no Conjunto Nacional. Eu sempre adorei ler, passava a tarde por lá escolhendo livros.”

## O QUE GOSTA EM BRASÍLIA:

Torre de TV. “Gosto de ir ao mirante, ver o que está mudando na cidade”

ERICA ANDRADE

DA EQUIPE DO CORREIO

A cabeça da pequena Lúcia vivia no mundo da ficção científica. Não por acaso, um dos locais prediletos para brincar era o foguete do parquinho Ana Lúcia, no Parque da Cidade. Ali, aos sete anos, a garota tímida e inteligente sonhava com a profissão que já escolhera: cientista. Ela chegou lá. Lúcia Maria Pepe de Moraes, 43 anos, é PhD em bioquímica e biologia molecular aplicada. Professora da Universidade de Brasília (UnB), ela também pesquisa alternativas para o uso de combustíveis fósseis, como produção de álcool do bagaço de cana-de-açúcar e de mandioca.

A pesquisadora passou a infância na quadra 312 Norte. Os pais se encontraram em Brasília logo após a inauguração, em 1961. Ele, vindo do Nordeste; ela, do interior de São Paulo. A capital ainda estava em obras. A W3 Norte, por exemplo, terminava na quadra 513. Lúcia conta que onde hoje está a quadra 112 Norte, ficava um campo de futebol, no qual as crianças brincavam de beto, jogavam bola, pulavam corda e elástico. Nos finais de semana, o passeio da família era ir à praça da fonte luminosa, “A água ficava colorida, formava desenhos. A gente ficava assistindo o bailado das águas”, relembra.

Solteira e sem filhos, Lúcia dedica toda energia às duas sobrinhas: “Lindas, que compensam tudo”. Ela mora com os pais, que estão em idade avançada. A cientista adora ler, tem queda especial por ficção científica. Orgulha-se da coleção com 520 livros desse gênero. Um sessão de cinema no Karim, que ficava na 110/111 Sul e fechou as portas em outubro de 2000, marcou a sua vida. Ali ela assistiu ao primeiro filme da série *Guerra nas estrelas*: “Foi um filme especial para mim, porque eu não tinha uma visualização do que eu lia nos livros, e foi exatamente o que eu esperava. Amei”.

A paixão pela ficção e o gosto por jogos de RPG fize-

ram com que Lúcia desenvolvesse mais afinidade com os meninos do que com as meninas. “Estava mais para essa área do que para bonecas e flores”, brinca. “Na adolescência, eu tinha o meu próprio mundo e não era muito popular”, avalia a pesquisadora. “A badalação era no Gilberto Salomão, mas eu não gostava muito daquele desfile de gente de lá para cá, não fazia muito sentido para mim”. Lúcia preferia programas diurnos: “Se me convidassem para o cinema ou uma cachoeira eu topava na hora”. Naquele tempo, muitos jovens reclamavam que Brasília não tinha nada para fazer. “Mas não era justo comparar a cidade que estava nascendo na década de 70 com outros centros como Rio e São Paulo” justifica.

Lúcia guarda com carinho um recorte do *Correio Brasileiro*, de julho de 1981, com o resultado do vestibular da UnB, no qual foi aprovada para o curso de biologia. A pesquisadora ressalta que, quando ingressou na universidade, Brasília já era um núcleo catalizador dos estudos sobre engenharia genética e biologia molecular no Brasil. “Pouca gente sabe que, graças a iniciativa de pesquisadores daqui, a UnB contribuiu para o aperfeiçoamento dessa área em universidades no país inteiro”, diz.

Espírito inquieto, impaciente, Lúcia sempre canalizou essa energia para o trabalho. “Gosto do desafio da pesquisa, de montar o experimento, desfazer o mistério, solucionar os problemas”, empolga-se. O maior sonho profissional é criar um centro de biotecnologia na Universidade de Brasília. “É preciso transformar as pesquisas em produtos tecnológicos que possam ser utilizados pela sociedade”. No entanto, falta incentivo e investimento das empresas. “Os empresários brasileiros precisam perceber a universidade como uma oportunidade de desenvolvimento”, explica.

Ao falar sobre esses projetos, a voz de Lúcia fica firme e os olhos brilham. Diante dessa observação, ela explica: “Quando eu me formei o meu pai me perguntou o que eu ia fazer com um diploma de bióloga, se eu seria professora de colégio. Eu disse a ele: eu vou ser cientista. Não sei como, mas eu vou chegar lá.” Alguém duvida?

**Brincadeiras no parquinho, fonte luminosa e filme no Cine Karim reforçaram em Lúcia Pepe o desejo de dedicar à pesquisa científica**